

## SERENDIPIDADE: FERRAMENTA DE COMBATE DO SOFRIMENTO PSÍQUICO DA MATERNIDADE ATÍPICA

## SÉRENDIPITÉ: OUTIL POUR LUTTER CONTRE LES SOUFFRANCES PSYCHIQUES DE LA MATERNITÉ ATYPIQUE

Taís dos Santos Abel<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo objetiva analisar o papel da serendipidade no conto Lia Gabriel, de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo. Busca-se evidenciar a importância desse termo, a partir de uma série de ações e transformações na vida da protagonista. Apesar de situações inusitadas, angustiantes e carregadas de muito sofrimento, foi possível perceber como essa mãe atípica se reinventou, a partir de grande descoberta inesperada que trouxe consequências positivas para sua vida que atenuaram seu sofrimento psíquico. Foi percebido que a serendipidade atua, então, movimentando sua atenção, apresentando novas direções e ampliando, assim, os horizontes para uma jornada transgressora e plena de realizações.

**Palavras-chave:** Serendipidade, descoberta, mulher, sofrimento psíquico

### RÉSUMÉ

Cet article vise à analyser le rôle du hasard dans la nouvelle Lia Gabriel, de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo. Le but est souligner l'importance de ce terme sur une série d'actions et de transformations dans la vie du protagoniste. Malgré des situations inhabituelles, angoissantes et pleines de souffrance, il a été possible de voir comment elle s'est réinventée, à partir d'une grande découverte inattendue qui a eu des conséquences positives dans sa vie. Il a été remarqué que le hasard agit alors, attirant votre attention, présentant de nouvelles directions et élargissant ainsi les horizons pour un voyage transgressif plein de réalisations.

**Mots-clés:** Sérendipité, découverte, femme, souffrance psychique

Serendipidade, a priori, é a descoberta acidental feliz. Porém, esse termo tem um significado muito mais amplo e por isso merece atenção. Para sustentar a pesquisa sobre

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras Vernáculas (2023) e Mestre em Literaturas Africanas pela UFRJ (2013). Professora Credenciada do IFRJ, campus São João de Meriti. E-mail: [abeltais@gmail.com](mailto:abeltais@gmail.com)

o termo serendipidade<sup>2</sup>, destaca-se o nome de Robert K. Merton, um dos principais sociólogos do século XX. Com a colaboração de Elinor Barber, Merton publicou o livro *The travels and adventures of serendipity: a study in sociological semantics and the sociology of science* (2004), traçando a história da palavra serendipidade desde sua cunhagem, em 1754, até o século XX. A obra propõe-se como um projeto extremamente abrangente, investigando os muitos campos e aspectos da serendipidade. Nela, o estudioso aponta as principais condições para a sua existência e, portanto, para a sistematização do conceito.

De acordo com Merton (2004), para a compreensão e utilização da palavra serendipidade, faz-se necessário ter uma mente preparada e com alto poder de percepção do que acontece no entorno. Caso não haja essa capacidade, o indivíduo limita-se a julgar a palavra como o clichê da descoberta acidental e feliz. Esse julgamento equivocado e uma mente módica não favorecem a compreensão da profundidade de seu significado.

Afinal, serendipidade é, sem dúvida, uma descoberta feliz, mas não se limita a isso. A palavra é resistente a interpretações precisas e, por isso, revela seu aspecto social iminente. Tal iminência a torna uma palavra vidente e clarividente, buscando sobreviver e clamar o seu lugar para um público que precisa ser preparado e convencido a recebê-la. Dessa forma, é importante atrelar a cunhagem dessa palavra às questões que envolvem o acaso, sagacidade e descoberta acidental.

Após sua origem, o termo passou, de forma mais ampla, a ser utilizado para descrever situações descobertas ao acaso. Nota-se, contudo, que, para que tais descobertas se caracterizem, de fato, como serendipidade, é preciso haver atenção, a fim de que o momento de serendipidade não passe despercebido. Logo, a existência ou o êxito do conceito é possível apenas quando realmente houver consciência da descoberta. Se o processo de conscientização é primordial para que percebamos alguns momentos, na realidade ou na ficção, em que o acaso traz descobertas inesperadas, vale ressaltar

---

<sup>2</sup> Serendipidade é o termo pesquisado na tese de Doutorado da autora deste artigo em 2023, UFRJ. A proposta principal girou em torno de analisar o termo, identificando sua origem e implicações que culminam com o conceito voltado para literaturas escritas por mulheres negras e com protagonistas negras.

outra circunstância fundamental na serendipidade: a circunstância da felicidade, embora nem sempre essa consciência de felicidade, em uma descoberta casual, seja perene no primeiro momento. Por isso, Merton (2004) sinaliza que a serendipidade descreve um processo que é quintessencialmente ambíguo e dinâmico. E talvez a atenção seja um dos aspectos mais importantes para que a serendipidade seja vivida e percebida.

Depois da breve apresentação da palavra serendipidade, neste artigo, há a análise do conto “Lia Gabriel”, do *Livro Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo (2016), marcado por um momento serendípico. Esse conto inicia-se com uma narradora onisciente que anuncia e resgata outras protagonistas de contos anteriores, como se todas essas mulheres e a própria narradora se (con)fundissem em suas histórias. Então, nessa locução, as vozes narrativas se intercalam, ora temos a voz da protagonista, ora da narradora e eu, enquanto leitora e pesquisadora, também me escuto.

Enquanto Lia Gabriel me narrava a história dela, a lembrança de Aramides Florença se intrometeu entre nós duas. Não só de Aramides, mas as de várias outras mulheres se confundiram em minha mente. Por breves instantes, me veio também a imagem da *Mater Dolorosa* e do filho de Deus pregado na cruz, ficções bíblicas, a significar a fé de muitos. Outras deusas, mulheres salvadoras, procurando se desvencilhar da cruz, avultaram em minha memória. Aramides, Líbia, Shirley, Isaltina, da Luz, e mais outras que desafiavam as contas de um infinito rosário de dor. E, depois, elas mesmas, a partir de seus corpos mulheres, concebem a sua própria ressurreição e persistem vivendo. (EVARISTO, 2016, p. 95)

A partir dessa citação, já no décimo conto da obra, as histórias de vidas dessas mulheres ganham uma profundidade e intimidade tão grande que não se faz mais necessário o uso de seus sobrenomes junto a seus nomes, pois suas trajetórias não são mais desconhecidas. À medida que suas histórias são apresentadas, elas deixam de correr o perigo da história única a que são submetidas, assim como Chimamanda relatou: “o que a descoberta dos escritores africanos fez por mim foi: salvou-me de ter uma única história sobre o que os livros são.” (ADICHIE, 2019, p. 14). Dessa forma, temos protagonistas que não têm o sofrimento como única opção de vida. Elas também não são eternas vítimas, reprodutoras, nem desprovidas de intelectualidade. Não são só corpo, mas também mentes pensantes. Em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*,

rompe-se o estereótipo da mulher negra animalizada, sem recurso, silenciada, violentada e infeliz, assim como Chimamanda rompe com o que o professor lhe nomeou de “autenticidade africana” ao escrever “personagens que se pareciam muito com ele, um homem educado de classe média [...] as personagens dirigiam carros, elas não estavam famintas. Por isso, elas não eram autenticamente africanas” (ADICHIE, 2019, p.20). A partir dessas narrativas de Conceição Evaristo, ressalta-se a mulher negra empoderada, forte, sagaz, sábia e sensível o bastante para entender com nitidez cada movimentação que faz de suas particularidades e das do outro. Movimentar-se para fora da história única é marchar contra o poder daqueles que, por muito tempo, tomaram as rédeas de nossas histórias e decidiram o que iam contar ou não.

Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazer a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com "em segundo lugar". (ADICHIE, 2019, p. 23)

As mulheres negras sempre estiveram em lugares aquém do segundo lugar, mas

todas essas histórias me fazem quem eu sou. [...] insistir somente nessas histórias negativas é superficializar minha experiência e negligenciar as muitas outras histórias que me formaram. A única história cria estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história. (ADICHIE, 2019, p. 26)

Destarte, as narrativas das pretas, atualmente, trabalham em prol do resgate de suas dignidades, ressaltando suas semelhanças que, mesmo na dor, se superam e encontram seus finais felizes e reais, até porque, apesar de se tratar de contos de ficção, eles são escritos por quem conhece a realidade do lugar de fala que ocupa.

No conto “Lia Gabriel”, o perigo da história única vai além da questão de raça e gênero. Há o perigo da história única da saúde mental. Os tabus, em relação a esse assunto, abalam as estruturas de Lia quando recebe o diagnóstico de esquizofrenia do seu filho mais novo: “Mãe, seu filho parece sofrer de esquizofrenia, isto é: é louco,

doido!” (EVARISTO, 2016, p. 96). Na fala do médico, há o estereótipo reforçado, pois ele acreditava na ignorância de Lia para entender o que era o diagnóstico.

Encontrando-se no lugar de mãe atípica<sup>3</sup>, ficou assustada por conhecer um lado da “loucura”<sup>4</sup> que o quadro mental se apresentava diante de alguns exemplos que tinha, como o da Francisquita que “gritava por nada, cantava e ria por tudo, não tinha hábito higiênico, seu corpo de longe exalava sujeira”. (EVARISTO, 2016, p. 96). Por fim, essa moça foi parar em um manicômio e nunca mais foi vista.

Com a fala assertiva do médico, a mãe só pensava se seu filho Máximo ficaria igual a Francisquita, que até agredia as pessoas. Instantaneamente, o medo tomou conta dessa mulher, pensando o que seria dela e das filhas se ele se tornasse um rapaz agressivo. Mas esse medo não a paralisou, pois ela começou a buscar tratamento para Máximo Gabriel. Ao mesmo tempo, diariamente, lidava com as oscilações de humor do menino que ora era agressivo, ora era um doce de criança. E diante de uma crise, era impossível ela ou uma das filhas intervirem, pois ele ganhava uma força e se autoprovocava lesões como se tivesse uma raiva muito grande dentro dele: “Na impotência por não conseguir abrandar os sofrimentos do irmãozinho, elas (as filhas) choravam também infelizes. Elas e eu. Insubmissas lágrimas” (EVARISTO, 2016, p. 97). Logo, é perceptível, que neste cenário, as crises do filho caçula adoeciam Lia e suas filhas, uma vez que não era possível evitar e controlar as reações do menino. A impotência perante a essa situação, frustra, estressa e gera um desgaste emocional. Por isso, o choro é uma alternativa de aliviar essas emoções dolorosas.

Ao contar a história, Lia resgatou para si e para a interlocutora a história do pai das crianças, constatando assim o disparador de seu sofrimento psíquico. Então, ela relembra que sua saída de casa se deu a partir do momento que ela decidiu fugir para casa da mãe com os três filhos para protegê-los da agressividade do marido. Ao

---

<sup>3</sup> Para quem não está familiarizado com a expressão, mãe atípica é aquela que lida com a criação de uma pessoa com deficiência. A maternidade atípica é pouco discutida nos textos acadêmicos, o que pode trazer alguma estranheza ao seu uso. Mas este nicho de maternidade adoce mentalmente devido a algumas questões, como por exemplo, no caso da personagem do conto, que é mal orientada sobre a suposta doença do filho e por isso, ao mesmo tempo que lida com a dor e o capacitismo, ela recorre a estratégias para não sucumbir mentalmente. E a serendipidade é uma dessas estratégias.

<sup>4</sup> Coloco entre aspas, pois esse termo não é mais apreciado para tratar de questões que envolvem a saúde mental, porém é usado na narrativa.

retornar, encontrou a casa vazia sem móvel algum. Nesse primeiro momento do seu retorno à casa, ela forrou um pano no chão e se aconchegou aos filhos que mal dormiam e, especificamente, Máximo tinha febre e gemia. Inclusive “a todo momento, seus braços, com as mãozinhas em punho, tinham movimentos como se estivessem esbofeteando o espaço” (EVARISTO, 2016, p. 98).

Diante desse cenário, Lia se reinventou. Uma vez que tinha que trabalhar e cuidar dos filhos ao mesmo tempo, ela saiu da escola que trabalhava pelas manhãs e começou a dar aulas particulares em casa para crianças, jovens e adultos o dia inteiro. Contudo, o sucesso absoluto desse empreendimento não foi alcançado, pois, conforme as crises de Máximo aumentavam, ela ia perdendo alunos, porque, ao mesmo tempo que alguns se assustavam com a situação, ela também precisava reduzir as horas de trabalho para acompanhamento médico do menino. Assim, a frustração e a sensação de desamparo só aumentavam. Porém, incansável, Lia começou a consertar aparelhos eletrônicos de madrugada, logo se tornando a única mulher a ter uma oficina eletrônica na cidade. Assim, ela seguiu sustentando e cuidando dos filhos. A personagem sempre buscava alternativas para que nem ela e seus filhos ficassem vulneráveis e submetidos aos estereótipos de uma família atípica. Estereótipos esses que marcam a família como incapaz de se sustentar, se apoiar e viver bem, lidando com as crises de Máximo.

Com o tempo, ela e suas filhas gêmeas se organizaram na divisão das tarefas domésticas e no cuidado com o irmão, que era um pouco mais novo que elas. E foi nessa ocasião que ela começou a entender que sua vida estava se organizando, independente das mazelas que viveu: “Tudo tem conserto. E tem. Consertei a minha vida, cuja mola estava enferrujando. Eu mesma imprimi novos movimentos ao meu dia. Fiz por mim e pelas crianças” (EVARISTO, 2016, p. 99).

Lia Gabriel planejou o futuro sem olhar o passado para ressignificá-lo. Nesse lugar, havia um pai e marido que simplesmente parecia nunca ter existido. Entretanto, conforme as crises de Gabriel ficavam mais intensas e duradouras, o fantasma do passado aparecia com mais força. A protagonista resistiu enquanto pôde não internar o filho, mas o risco era iminente. O médico sinalizava que a presença dele em casa seria perigosa, mesmo ela afirmando que ele era inofensivo a ela e às irmãs. Aos poucos, Lia

entendeu que, por mais doloroso que fosse admitir, seria perigoso para o menino ficar em casa, pois ele se agredia demais e poderia se machucar gravemente. Para uma mãe internar o filho, é preciso ter coragem de enfrentar a dor e sofrimento porque, o que poderia ser considerada uma atitude cruel, era a única solução vigente para seu filho. Logo, não há dúvidas de seu sofrimento psíquico perante a esta situação. Eis que, na única internação de Máximo Gabriel, encontrou outra médica que, imediatamente, convocou a família para uma entrevista individual.

A solicitação da médica não a surpreendeu tanto, mas lhe causou angústia e sofrimento, pois era necessário que ela e as gêmeas se afastassem por um tempo do filho, uma vez que havia uma raiva muito grande dentro dele que precisava ser trabalhada através de cuidados especiais. Não tardou muito e durante o tratamento apareceu a palavra pai. Junto a esse nome veio uma série de cenas violentas, mas uma, em especial, mudou o rumo de suas vidas.

Era uma tarde de domingo, eu estava com as crianças assentadas no chão da sala, fazendo uns joguinhos de armar, quando ele entrou pisando grosso e perguntando pelo almoço. Assentada eu continuei e respondi que o prato dele estava no micro-ondas, era só ligar. (EVARISTO, 2016, p. 101)

Até esse momento, é relatada uma situação comum em lares domésticos: mulher, filhos, comida pronta e marido exigente. Cenas como essa são bastante comuns e extremamente banalizadas. Mas nessa cena houve uma ruptura no instante em que a esposa dá uma ordem ao marido para ligar o micro-ondas. A partir do sutil posicionamento da personagem, encadeia-se uma cena com *flashes* arrebatadores, constatando a força que deve ter uma mulher para superar as armadilhas do patriarcado.

Passado uns instantes, ele o cão raivoso, retornou à sala, avançou sobre mim, arrastando-me para a área de trabalho. Lá, abriu a torneira do tanque e, tampando minha boca, enfiou minha cabeça embaixo d'água, enquanto me dava fortes joelhadas por trás. Não era a primeira vez que ele me agredia. As crianças choravam aturdidas. Eu só escutava os gritos e imaginava o temor delas. (EVARISTO, 2016, p. 101)

Essa descrição cruel da bestialização masculina é o retrato de muitos lares. A violência doméstica há tempos é um lugar comum e naturalizado nos espaços sociais. Mesmo quando esse lar é de uma família preta, vítima de tantas outras violências, é real a reprodução de atos violentos masculinos contra mulheres. É nesse momento que o homem negro se equipara ao homem branco: quando se trata de machismo. Essa masculinidade anula também a paternidade desse homem, que não demonstra preocupação com os filhos, diante de tamanha violência. A sensação de superioridade é tão inabalável que ele somente está preocupado em extravasar sua raiva e fazer a mãe de seus filhos ser o alvo dela.

Enquanto há um homem totalmente desconectado da paternidade, a maternidade se fortalece e se faz soberana a todo momento. Lia está mais preocupada com os filhos do que com suas próprias dores, logo não grita nem chora para não apavorar mais as crianças. Essa mulher tem que driblar suas dores emocionais e físicas para atingir o mínimo possível seus filhos. Só que esse silêncio aumentava a fúria do “cão raivoso” que se sentia desafiado por ela e seu silêncio de proteção e ao mesmo tempo de transgressão.

Em seguida, ele me jogou no quatinho de empregada e, com o cinto na mão, ordenou que eu tirasse a roupa, me chicoteando várias vezes. Eu não emiti um só grito, não podia assustar mais as crianças, que já estavam apavoradas. O que mais me doía era o choro desamparado delas. (EVARISTO, 2016, p. 102)

O silenciamento e a resistência de Lia, em prol dos filhos, alimentam o ataque de fúria do marido que vê os filhos como “alvos fáceis” para aniquilar a esposa de uma vez. Então,

depois, ele voltou à sala e me trouxe o meu menino, já nu, arremessando a criança contra mim. Aparei meu filho em meus braços, que já sangravam. Começou, então, nova sessão de torturas. Ele me chicoteando e eu com Gabriel no colo. E, quando uma das chicotadas pegou o corpo do menino, eu só tive tempo de me envergar sobre meu filho e oferecer as minhas costas e minhas nádegas nuas ao homem que me torturava. Meu menino chorava, chorava. Foi tanto sofrimento que não soube calcular quanto tempo durou, segundos ou horas. (EVARISTO, 2016, p. 102)



Cabe problematizar aqui a presença da violência patriarcal, termo adotado por hooks (2018), que se estende à violência doméstica, uma vez que há uma crença de que um indivíduo é tão poderoso que pode ter o controle de todas as pessoas de seu núcleo, validado até pela violência se houver necessidade. A pensadora feminista complementa que: com frequência, crianças sofrem abuso quando tentam proteger a mãe que está sendo atacada por um companheiro ou marido, ou são emocionalmente afetadas por testemunhar violência e abuso. (hooks, 2018, p. 96)

Sob a ótica de bell hooks (2018), há uma compreensão de que homens não podem bater em mulheres, mas quando dizem que a violência doméstica é resultado do sexismo, há a dificuldade em entender a lógica e a importância de os movimentos atuarem em prol do fim de todas as formas de violência. Destacar primariamente a violência patriarcal, para algumas feministas, não é interessante ao movimento, uma vez que essa forma de violência é direcionada às crianças por mulheres e homens sexistas. Mas a narrativa de Lia, aos poucos, traz relevância a todas as formas de violências surgidas e como elas afetam o estado psíquico das personagens, sobretudo a Lia, que administra seu sofrimento e de seus filhos.

Ao narrar esse acontecimento para a médica, como se estivesse a observar o ocorrido com um olhar ampliado, Lia vai, gradativamente, percebendo que seu relato lhe soa bastante revelador. Nesse momento, é possível perceber que seu pensamento desperta para refletir sobre essa ação. A violência contra Lia e seu filho pode ser vista como uma monstruosidade.

Diante dessa cena tão perturbadora, cabe trazer à tona as reflexões de Oliveira (2016) em que sinaliza que

a violência doméstica assombra várias mulheres no Brasil, que ainda são vítimas de abuso e se encontram presas em relacionamentos abusivos. Os filhos também sofrem as consequências da violência doméstica, como é o caso de Gabriel. Depois que Lia revela essa história, os problemas psicológicos de Máximo podem ser compreendidos à luz dessa experiência traumática de abuso e violência doméstica. (OLIVEIRA, 2016, p. 170)

Após essa cena absurda de violência, Lia, toda machucada, limpa superficialmente as feridas, junta os filhos e foge para casa mãe. Lugar em que foi bem acolhida, porém mal orientada, uma vez que se faz difícil romper com parâmetros machistas sociais. Apesar de a mãe acolhê-la, ainda insere a responsabilidade de Lia em cuidar do lar e do marido, sugerindo que ela retornasse para se acertar com ele. Ou seja, a solidão impera a vida de Lia, uma vez que não é compreendida pela própria mãe.

Nesse viés, a maternidade é fundamental para a condução da narrativa de Lia tanto quanto mãe e filha, por isso cabe o questionamento: “Como pode uma mãe aconselhar a filha a voltar para uma casa onde está o agressor? Por que a violência doméstica é menosprezada e a figura do marido geralmente absolvida?” (OLIVEIRA, 2016).

Em face ao exposto, é possível detectar que ambas as mulheres internalizaram o “complexo de culpa” (FANON, 1963), em que o agressor não tem culpa maior do que a vítima, mantendo, assim, sujeitos oprimidos em uma relação abusiva com o opressor. Nesse processo, a vítima não consegue se desvencilhar do discurso dominante social. Logo, presa a esse discurso, ela internaliza que deve obediência ao marido, mesmo que haja violência. Essa culpa também perpassa por ser mãe atípica, a qual é vista como aquela que não sabe lidar com as crises do filho e que, apesar de adotar algumas estratégias, como mudança de rotina de trabalho, não é o suficiente para que todos da família permaneçam sãos.

Portanto, essa maternidade também vai romper com os paradigmas do patriarcado que coloca a mulher nesse lugar de aceitação e submissão às violências. Percebemos isso quando Lia segue o conselho de mãe e volta para a casa, só que se depara com o ambiente vazio: sem móveis e sem o cão raivoso do marido.

Mesmo assim, ao deparar-se com o lar vazio, Lia se encheu de disposição. Proativa, criou ferramentas para romper com as barreiras do patriarcado e criar os filhos sozinha, fortalecida pelo ódio que sentia do marido e pelo amor que sentia pelos filhos. Ela recomeçou e abandonou o passado. Contudo, ao fazer o relato da experiência violenta vivida por ela e seus filhos, principalmente Máximo, à médica, ela constatou uma revelação.

Quando acabei de relatar esse episódio para a doutora Celeste Rosa, ela me revelou que a nossa conversa tinha sido fundamental para o encaminhamento do meu filho. Ela escutara Máximo Gabriel, em um dia de suas crises, entre socos e pontapés contra o monstro que o perseguia, dizer que queria matar o pai. (EVARISTO, 2016, p. 103)

Ilumina-se, a partir dessa descoberta, o caminho da serendipidade. Nesse momento, Lia encontra algo que ela não procurava, mas que era a razão da agressividade do filho, pois, inicialmente, ela só estava buscando pelo tratamento. Ao ser provocada pela médica a falar sobre o ex-marido, tornou-se necessário sair da rotina criada por ela para se esquivar das violências vividas no passado e revelar seus reais incômodos mais profundos.

Em seguida, imbuída por sua escrevivência, sua atenção começa a se voltar para seu próprio relato, iniciando assim, a observação de um dado anômalo relevante para a trajetória de vida dela e de Máximo Gabriel, principalmente. Logo, constata-se sua abertura intelectual para encontrar estratégias de sobrevivência e superação da dor causada pela violência doméstica. Máximo Gabriel processou essa violência de outra maneira, que Lia, até o momento do relato à médica, não havia percebido. Dessa forma, constatamos que a dor e o incômodo, que resultam em seu sofrimento psíquico, são elementos que desencadeiam o despertar de sua consciência.

A fala da médica me trouxe um misto de sentimentos. Culpa, vergonha, remorsos por ter escolhido tal homem para ser pai dos meus filhos. Também esperanças de que Máximo Gabriel possa vencer a imagem do monstro, que se desenhou na frente dele, quando ele tinha apenas dois anos. (EVARISTO, 2016, p. 103)

Essa consciência é resultante da serendipidade. No momento, a protagonista constata que estava a procurar tratamento, mas encontrou a causa do sofrimento psíquico do filho e, conseqüentemente, do seu. Essa descoberta só foi possível porque trata-se de uma mulher sensível e sagaz, atenta para o que acontecia ao seu redor.

Sendo assim, foi esclarecedor e compreensivo o comportamento de Máximo Gabriel, exposto no início da narrativa, em que o menino ficava a todo momento com as mãos em punho, como se estivesse esbofeteando o espaço. Na realidade, ele imaginava

bater no pai. Ficou um trauma, o qual perpetuou na sua vida, promovendo mudanças na rotina familiar e impedindo Lia de dar um novo rumo na vida.

Depois de entender a história de Lia, a loja “Tudo tem conserto” adquire um significado metafórico sobre o quanto sua vida precisava de conserto. A personagem consegue superar a violência doméstica e seguir lutando para amar e sustentar seus três filhos. Ao ter coragem de dizer para o médico a verdade, Lia desafia o discurso dominante que incentiva o medo e o silêncio das mulheres vítimas de violência doméstica. (OLIVEIRA, 2016, p. 171)

Em busca de seguir a vida, diante da crise, a protagonista não desistiu. Pelo contrário, seu amor pelos filhos a impulsionou a um deslocamento de estratégia de sobrevivência. Sua narrativa direcionada à médica, além de romper as barreiras do patriarcado, que incentiva o silêncio em relação à violência doméstica, abre para a faculdade imbuída da serendipidade de encontrar algo que não estava a procurar.

Tal encontro corrobora com o apaziguamento ao sofrimento psíquico de Lia ao encontrar esperanças para dar continuidade ao tratamento do filho, pois, ciente da causa, torna-se mais viável compreender como conduzir o cuidado com ele.

À medida que ela encontra a satisfação e a circunstância de felicidade, ela se torna capaz de detectar o discurso da dominação. Sua fala é libertadora. Falar é existir para o outro, como afirma Fanon (1963). Podemos averiguar que Lia experimenta a autorrecuperação<sup>5</sup> ao deixar de ser a oprimida e passar a ser sujeita de sua própria história. A partir da serendipidade, ela se autorrecupera ao olhar para si sem o olhar patriarcal.

O estudo buscou salientar a importância em trazeremos alguns dos questionamentos que circundam um grupo cada vez mais expressivo de mulheres que não mais se silenciam diante das atrocidades sofridas, como por exemplo as mães atípicas. Os livros escritos por escritoras negras mediam essas vozes, expondo os problemas sociais que essas mulheres sofrem e que as impede de viver em sociedade com dignidade. Conceição Evaristo, que também é mãe atípica, é um exemplo de

---

<sup>5</sup> Autorrecuperação, cunhado por bell hooks, é o processo pelo qual o indivíduo dominado e explorado experimenta uma nova e diferente relação com o mundo.

escritora que representa a voz dessas mulheres marginalizadas. Suas personagens vivem situações muito próximas da realidade, tornando o texto mais palpável e reflexivo. Assim, pode-se dizer que a autora é uma grande representante de uma transformação significativa da literatura negra - feminina, pois sua escrita transgride às leis impostas pelo patriarcado e protagoniza as personagens que, na maioria das vezes, reverterem sua derrota, transformando-a em vitória.

A serendipidade revela-se, no texto de Conceição Evaristo, como uma ferramenta que nos permite analisar, a partir de uma outra perspectiva, o processo de insubmissão e emancipação das mulheres negras e mães atípicas diante do sistema patriarcal e capacitista e o combate ao sofrimento psíquico.

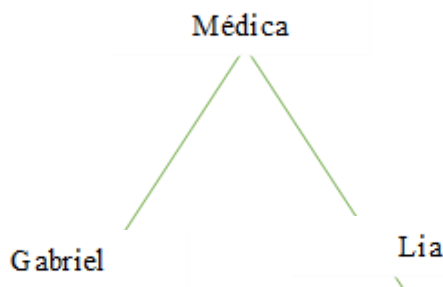
Sendo assim, ao valorizar aqui a definição de serendipidade e viabilizar sua pertinência no âmbito das literaturas negro - femininas, estamos apontando um caminho novo para o estudo dessas literaturas. Além disso, ao percorrer esse caminho, refletimos sobre o feminismo negro numa perspectiva interseccional e dialógica. Isso significa, portanto, que refletimos sobre uma série de temáticas pouco exploradas nas literaturas africanas, envolvendo o feminismo não hegemônico, assim como questões de gênero, maternidade atípica, lugar de fala e relações de poder.

Ao abordarmos conceitos pouco ou nada explorados no espaço da literatura de autoria feminina negra, especificamente, desejamos ampliar as vozes e os espaços da mulher, aumentando sua visibilidade e atuando, assim, como ferramenta política para denunciar os efeitos da discriminação e opressão vividos até o presente momento.

Ao trazer a serendipidade para o ambiente literário negro, constata-se que, do surgimento da palavra à sua conceituação, ela é significativa para ampliar as possibilidades de analisar uma obra dentro da temática, entregando-lhe a sensibilidade de que os espaços acadêmicos precisam ter para olhar essas causas. Sendo assim, serendipidade pode ser vista como um conceito, um termo ou até mesmo o processo. E devido a ambiguidade e dinamismo da palavra, isso pouco importa. O que interessa mesmo é a abertura intelectual, atenção, sagacidade, sensibilidade para entendê-la e identificá-la.

Com a análise do conto Lia Gabriel e outros do mesmo livro de Conceição, pude notar que a serendipidade, além de ser uma palavra dinâmica, quintessencialmente ambígua, anômala, estratégica, nômade, também é atemporal. Logo, não há uma sequência lógica para que ela surja. Por ser uma palavra anti cartesiana<sup>6</sup> também, constatou-se que as etapas serendípicas podem levar anos para acontecer, como no caso de Lia Gabriel. Essa personagem representa àquelas que passam por muito tempo num estado de dormência física e mental – apesar de estarem em ação por todo tempo - diante de tanta violência que sofrem ou assistem. Então, o seu despertar de consciência que resulta na serendipidade pode ocorrer a qualquer instante, uma vez que suas mentes vão se abrindo intelectualmente, suas atenções ficando mais aguçadas e ficando mais sagazes.

Percebi no conto analisado a presença de uma tríade serendipitosa que mostra que existe um elemento extra a relação maternal que auxilia no despertar da consciência. Nesse caso, a médica de Máximo Gabriel intermedia mãe e filho que descobrem a causa de tanto sofrimento do menino e sua mãe. Um detalhe importante: uma mulher que apoia outra mulher.



A médica é uma personagem fundamental para iluminar o caminho da serendipidade para a protagonista, reverberando no momento final de uma narrativa

---

<sup>6</sup> Este termo é utilizado pela teórica Catellin (2004), uma vez que a serendipidade se contrapõe à revolução filosófica do racionalismo imposta por Descartes. O filósofo criou a teoria do cartesianismo, cujo fundamental principal consiste na pesquisa de verdade, com relação à existência dos “objetos” dentro de um universo de coisas reais. A serendipidade se apresenta, portanto, como antônimo do cartesiano. No entanto, isso não quer dizer que é um termo que atua no campo do irracional. É uma palavra que revela uma verdadeira descoberta, mesmo quando se acredita ou se pretende proceder de outra maneira, e retoma-se o discurso do método cartesiano, ocultando as surpresas e buscas, ou sutis pensamentos, que oscilam entre a intuição e o rigor lógico, a imaginação e a razão, a inconsciência e hiper – reflexão. (ABEL, T.S.,2023)

com circunstância de felicidade. A felicidade se torna um elemento relevante para serendipidade, já que ela significa, a priori, uma descoberta acidental feliz.

Outra constatação interessante é que a serendipidade promove o deslocamento. A esta palavra atribui-se a modificação direta da vida da personagem envolvida, em busca da solução dos seus problemas. Portanto, sinalizo que a serendipidade tira a personagem do estado de inércia, ou melhor, prefiro descrever, de dormência. Dessa forma, foi perceptível a movimentação feita por Lia Gabriel rumo a mudar o que não estava sendo bom para elas e os seus pares. Nesse viés, posso identificar a serendipidade como rota de fuga da indignação, violência, traição e silenciamento, a partir da análise do conto.

Além disso, a análise demonstra o tamanho da sensibilidade da protagonista, imersa num processo sofrimento psíquico, porém buscando formas de sobreviver a isso. É como se ela estivesse se afogando no mar com apenas um braço para cima, pedindo socorro. Diante do desespero e de sensação de quase morte, a serendipidade lhe puxa a mão. A serendipidade é uma ferramenta de resgate do amor – próprio, de combate do sofrimento psíquico, da independência e diversas formas de libertação.

Enfim, diante dos elementos elencados nesse artigo, pretendi não apenas contribuir no campo das pesquisas literárias, mas enfatizar um novo olhar para as protagonistas femininas negras.

## REFERÊNCIAS

ABEL, Taís dos Santos. *Serendipidade em Insubmissas Lágrimas de Mulheres, de Conceição Evaristo e em Niketche, de Paulina Chiziane*. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2023.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo da história única*. Disponível em: <https://www2.ifmg.edu.br/governadorvaladares/noticias/adelia-a-poesia-e-a-vida-convite-para-o-3o-encontro-do-dialogos/o-perigo-de-uma-historia-unica-chimamanda-ngozi-adichie-pdf.pdf> Acesso em: 22/03/23.

CATELLIN, Silvie. *Sérendipité*. Paris: Éditions Du Seil, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

*Revista de Letras Norte@mentos*

90

Dossiê Temático “Acolhimento, discussão e combate do sofrimento psíquico de mulheres em textos narrativos e poéticos das literaturas africanas de língua portuguesa e nas literaturas afro-diaspóricas”, Sinop, v. 17, n. 48, p. 76-91, jun. 2024.

FANON, Frantz. *The wretched of the earth*. Trans. New York: Grove P, 1963.

hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*, Trad. Ana Luiza Libânio, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2018.

hooks, bell. *Não serei eu mulher? As mulheres negras e o feminismo*. Trad. Nuno Quintas, Lisboa, Orfeu Negro, 2018.

hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Trad. Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

MERTON, Robert K. e BARBER, Elinor G. *The travels and adventures of serendipity: a study in sociological semantics and the sociology of science*. Princeton University: 2004.

MOREIRA, Rômulo de Andrade. *A serendipidade, o encontro casual ou o encontro fortuito*. 2014. Disponível em:  
<http://jus.com.br/artigos/28811/a-serendipidade-o-encontro-casual-ou-o-encontro-fortuito>. Acesso em: 31/08/2018.

OLIVEIRA, Natália Fontes de. Os condenados da terra: violência doméstica e maternidade em Insubmissas Lágrimas de Mulheres. In: DUARTE, Constância Lima & NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. O Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

Recebido em: 30/03/2024

Aceito em: 27/04/2024